

# ODISSEIA

## Literária



  
INSTITUTO  
FEDERAL  
São Paulo  
Câmpus  
São Paulo

  
EDITORA  
IFSP

ODISSEIA  
Literária

V. 3, n. 1, 2025

## **EXPEDIENTE – 2025**

### **Diretor Geral IFSP/SPO**

Prof. Me. Alberto Akio Shiga

### **Vice-Diretora IFSP/SPO**

Profa. Dra. Carmen Monteiro Fernandes

### **Diretor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação IFSP/SPO**

Prof. Dr. Francisco Yastami Nakamoto

### **Equipe Editorial**

#### Editora Gerente

Profa. Dra. Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Líder do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

#### Editores de Seção

Profa. Dra. Kelly Mendes Lima e Prof. Dr. Rodrigo Silva Trindade  
Docentes do IFSP, Pesquisadores do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

## APRESENTAÇÃO

Por Kelly Mendes Lima

Nossa presente Odisseia Literária contempla os textos vencedores nas categorias de poesia e crônica, tanto da modalidade interna quanto da externa, do VI Concurso Literário Abrece um Autor, organizado por licenciandos em Letras e pela professora Tais Matheus da Silva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – câmpus São Paulo.

Na seção de poesia, as leitoras e os leitores encontrarão textos com diferentes temáticas e estilos. Em “Desejo ser esquecida”, de Thalía Melo Macêdo, deparamo-nos com a busca do sujeito poético feminino pela liberdade de ser dita a partir de si. Por sua vez, em “Na ausência da sua pele”, Michael Rocha apresenta sua construção, com ricas imagens, de sujeito amante que sofre pela solidão. Já Yasmin Victoria Santos Malaquia, com seu “É verão”, transita nos limiares do público-privado a partir de um olhar de denúncia do descaso público para com problemas “naturais” não devidamente enfrentados. Também com certo traço denunciante, “Transe”, de Carlos Pessoa Rosa, coloca-nos diante da drogadição como uma tentativa – infrutífera ao fim – de se lidar tanto com a angústia existencial diante da morte quanto com o sofrimento de necessidades mais urgentes e concretas, como a fome, por parte de um segmento social adicto marginalizado. Com um tom mais leve, vêm os textos finais de “Geografia anatômica de um desamor”, de Adilson Roberto Gonçalves, e “Raro”, de Sérgio Theodoro Papa: aquele, com rico jogo de linguagem, aborda a matéria do mundo individual – do corpo e das relações afetivas – por meio do mundo mais amplo – geográfico-geológico; este, um texto em que a forma contribui para o conteúdo, remete-nos à beleza e à leveza de relações afetivas positivas.

Na seção de crônica, também estão textos que abarcam uma multiplicidade de temas e formas. O primeiro deles, “No meio do caminho tinha uma pedra”, de Maria Beatriz Cordeiro, coloca-nos em um vórtice questionador de problemas político-sociais considerando um eventual ponto de vista “dissidente”, de um jovem com deficiência intelectual. Por sua vez, Gabriel Marcelo Teixeira dos Santos, em “Dama de paus”, traz-nos um acerado retrato da violência impingida a também corpos dissidentes, no caso, os das travestis. Igualmente em meio a sofrimentos, “Volta e meia”, de Rayne Andrea de Oliveira, tece um retrato agudo de crise depressiva. Luciane Stefanato Negrini, com “Secos e molhados”, volta à carga social, com a exploração do duro trabalho informal. Mudando o tom, “O falso Matarazzo”, Sam Castro, narra-nos uma aventura pitoresca de Miró da Muribeca. “Oximoro”, de

ODISSEIA  
Literária

V. 3, n. 1, 2025

Evaristo Souza Soares, segue numa linha amena, ao brincar com jogos de palavras para tecer relações da vida entre figuras de linguagem e de sintaxe. Waldir Capucci, em “Nome de filho pode ser um problema”, também enuncia a leveza do cotidiano com um ponto de vista diverso: quando crianças, com seu olhar próprio, obrigam-nos a rever algo aparentemente banal. Para fechar, “Conselhos de um guarda-chuva desiludido”, de Murilo Luiz Gentil de Oliveira, instaura um narrador-objeto inusitado.

Enfim, entre poemas e crônicas diversos, é possível percorrer uma jornada de aprendizado, estranhamento e embevecimento – e é justamente o que desejamos a todas e todos que se dispuserem a tanto. Boa leitura!

## **DESEJO SER ESQUECIDA**

Por Thália Melo Macêdo

*As gotas da chuva fria emudecem a minha voz.  
Corro para além das minhas pernas.*

Desejo que esqueçam o meu nome,  
O formato do meu rosto,  
O meu endereço,  
A minha história.

Desejo, no silêncio, me acolher.  
Longe dos olhares curiosos,  
Dos comentários piedosos,  
Dos meios sorrisos amarelos.

Desejo ser reflexo do meu próprio rosto,  
Filha de ninguém,  
Sem árvore ou raiz,  
Apenas o fim.

Desejo ser dona de mim,  
De mim somente,  
Sem culpa,  
Sem remorso.

Desejo me perder entre as ondas,  
Entre a água e o sal,  
Sob o sol ardente,  
Ser esquecida.

Por Michael Rocha

na ausência da sua pele  
minha cama de solteiro,  
a quem desfiro inúmeras  
reclamações sobre seu pequeno tamanho,  
de repente transforma-se num vasto  
e arrefecido oceano congelado

fazendo de mim o nauta náufrago  
que servirá de prêmio para a *causa mortis* que em primeiro chegar na  
[linha

seja inanição, frio, desalento ou desgosto  
ou qualquer outro male que brota ignoto  
na ausência da sua pele

## É VERÃO

Por Yasmin Victoria Santos Malaquia

é verão  
o sol, estalando nas costas  
o asfalto, sem dó de ninguém  
a periferia implora por água  
“cuidado com o que pede”, minha vó dizia

as nuvens levam o olhar  
carinhoso e maternal do  
céu azul, que há poucos,  
estava sobre nossas cabeças

a primeira gota d'água  
cai  
quantos segundos até  
a Selva de Pedra se tornar  
a Atlântida lamacenta?

os rios fluem  
nas sarjetas e nas paredes  
levam tudo que veem:  
inclusive eu

“cadê o rodo?”, ela pergunta  
“o que adianta?”, eu me pergunto  
puxa água, puxa, puxa...  
eu gostaria de estar nadando.  
“cuidado com o que pede”, minha vó dizia

água mole, cimento duro  
tanto bate, até que alaga, enche e transborda  
até que me afoga dentro da minha própria casa  
no verão.

## TRANSE

Por Carlos Pessoa Rosa

sopro  
para forjar com elegância  
o oco  
das coisas ainda por vir

até surgir  
de invisível calabouço  
porafiada brisa  
um corpo em dança

encantamentos  
não necessitam de gamelas  
um redemoinho  
pode frutificar aventuras  
que serão contadas e cantadas  
por línguas afiadas  
como lâminas a aparar o ar

e as máscaras  
frutificarão como sons de harpa  
multicoloridas  
ao manejo do fole e da chama  
em ancestrais iguarias  
servidas como fumegante sopa  
de cogumelos – mas é *crack* –  
para deleite de esvoaçante mudez  
que a noite traz  
ali absorta entre seres em transe  
sem banir a fome  
ou mesmo espantar a morte, que grita!!!!



## **GEOGRAFIA ANATÔMICA DE UM DESAMOR**

Por Adilson Roberto Gonçalves

o clima nas artérias doces  
é quente, saliente de amores dissolvidos,  
distante de novos empreendimentos cardíacos

placas tectônicas se movem no estômago,  
no âmago da acidez digestiva de desilusões,  
de grumos feitos de tresloucadas paixões

cálculos acumulados em canais linfáticos  
tornam lunáticas as tentativas de compreender  
que rochas são pedras imóveis em sua estratificação

os amores se vão em desníveis cartográficos  
causando lixiviação de solos e tecidos,  
pois tristeza é a natureza sedimentada

de uma era glacial a outros corações gélidos,  
queimamos no inferno do antropoceno,  
curando o desamor com outro terremoto.

## **RARO**

Por Sérgio Theodoro Papa

Raro é o feito.  
De encontrar em um peito,  
o repouso de um leito.  
Flutuo sem jeito  
..... algo rarefeito.

## **NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA**

Por Maria Beatriz Cordeiro

No caminho da escola do filho, em meio à árdua rotina, ainda tinha sensibilidade para enxergar... Via, diariamente, um senhor negro que vendia verduras em uma pequena barraca na entrada do bairro da escola, sempre acompanhado do filho. O senhor, já de idade, estava, religiosamente, cedo na labuta... Fazia chuva ou sol, lá estava ele, pronto para servir! Em uma manhã de chuva intensa, caminhava resoluto, sem proteção alguma, ignorando os impiedosos pingos que o fustigavam; importava-se apenas em cumprir o seu dever: buscar as verduras, como fazia todos os dias. Nesse mesmo instante, a rádio noticiava que o prefeito de São Paulo havia feito harmonização facial. Tal fato seria ignorado pelo probo e bravo cidadão? Revolta-se, em seu íntimo, com tamanha injustiça?

Seu filho, pessoa com deficiência intelectual, estava constante e fielmente ao seu lado. Em alguns dias, o jovem dançava, em outros, era guarda de trânsito, em outros, falava sozinho, em outros, gesticulava nervosamente, em outros, apenas ficava parado, vendo o intenso fluxo de carros. Na sua mente diferente, haveria distinção por cor, raça ou condição social ou eram todos apenas passantes?

Será que tinha consciência política? Será que se preocupava com a vitória de Trump, que poderia comprometer ainda mais o planeta devido a possíveis aumentos na emissão de gases de efeito estufa por uma das maiores potências mundiais? Será que sentia medo dos efeitos da mudança climática? Certamente, sentia o intenso e inclemente calor extremo na pele, mas será que ignorava suas causas? A única certeza era a de que o que realmente importava era estar junto do seu pai, fazendo-lhe companhia, dividindo a rotina, o viver...

Será que se preocupava com a cotação do dólar, com a elevação dos juros, com a economia local ou global? Talvez, ignorasse os efeitos, em seu próprio país, de um governo que buscava implementar políticas públicas sociais para diminuição das injustiças, mesmo com a pressão do mercado para que a federação reduzisse suas despesas? Compreendia quem era esse tal de “mercado”, sobre o qual ouvia falar no rádio, e que pressionava o governo para manter o arcabouço fiscal? Seria o sentido de sua vida apenas fazer companhia ao pai, pegar verdura com ele e organizar o trânsito com seus moinhos de ventos? Teria consciência das pedras em seu caminho?

Teria ele noção exagerada das mazelas sociais, da abissal desigualdade social de seu país, que exibia, em uma mesma rua, carros de milhões ao lado de pessoas puxando carriolas carregadas de lixo para subsistência? Teria ele empatia pelo pequeno agricultor que produzia alimentos, pelo pai que andava alguns quilômetros a pé para

**ODISSEIA**  
*literária*

V. 3, n. 1, 2025

pegar as verduras e vendê-las com uma margem mínima de lucro, nos prestadores de serviço precarizados? Pensava, ele, nos grandes proprietários de empresas que desmatavam o ambiente, degradavam o solo, poluíam o ar, exploravam os trabalhadores e viviam em um luxo restrito a poucos?

Teria ele ciência da discriminação racial, das dificuldades de acesso à educação, moradia, saúde e trabalho que seus congêneres enfrentavam? Percebia que, quando ocupavam um lugar do branco, incomodavam-no? Quiçá conhecesse a rica cultura de seu próprio povo, suas lindas canções e histórias, sua religião, culinária...

Educação existiria em seu mundo? Tivera a oportunidade de frequentar uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, ou era inacessível a ele? Sem carro, sem transporte público de qualidade, com a rotina intensa de trabalho, seu pai teria condições de levá-lo a uma escola especializada? Teria tido a chance de encontrar um semelhante, uma alma irmã em seu caminho? Certamente, seu mundo era extremamente diferente dos motoristas que passavam por ele diariamente!

Saberia, ele, que era necessário lutar por direitos básicos, garantidos apenas na Constituição? Saberia que cada indivíduo tem, somente em tese, o direito de participar, efetivamente, da vida política, econômica e social de seu país? Saberia que era necessário lutar por direitos humanos?

Será que, em seu mundo, havia apenas um ídolo e companheiro: seu pai?! Será que sabia quem era Marielle Franco, Luiz Inácio Lula da Silva, Flávio Dino, Alexandre de Moraes, Eduardo Suplicy, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros, Fernando Pessoa, José Saramago, Renato Russo, Cássia Eler, Rita Lee, Djavan, Marisa Monte, Alceu Valença, Gilberto Gil... Algum nome tinha significado para ele?

Ignoraria que tudo tinha um fim? Acaso sofria de excesso de lucidez? Suas retinas e mente já estavam deveras fatigadas? Não se sabe! A única certeza é que, certo dia, seu pai, já idoso, simplesmente desapareceu de seu mundo... Não havia ninguém no funeral, a notícia não saiu no jornal, a vida seguiu seu percurso “naturalmente” desigual...

## **DAMA DE PAUS**

Por Gabriel Marcelo Teixeira dos Santos

Luzes de intensidades únicas que poderiam ser o sol ou as luzes de mercúrio das ruas.

A plateia gritava, junto ao caos da cidade de São Paulo. Eu fugia de todos e de mim mesma. Nem as ruas, nem minha casa, eram tão minhas quanto a navalha que eu carregava no sapato. Pensava nas flores amarelas que lancei às minhas, não temos apoio, nem reconhecimento, não temos nome ou constituição, vivemos na margem social, “o travesti”, “mulher três pernas” e todos acham normal o preconceito e nossa vida marginal. Eu tenho que vender meu corpo; o único espaço que tenho, eu divido na cama.

Correndo ainda, lembrava-me das efemérides. Visita pela noite, juras de amor na madrugada e já de manhã eu não era nada, era perversa e destruidora a juventude do meu coração, ele sempre dilacerado.

Os sons das agulhas dos meus saltos se misturavam com as buzinas e os gritos dos jovens descendo a Augusta. O frio das minhas joias sobre o meu pescoço tilintava e refletia os paetês da minha blusa.

Fugindo, pensava como pegar minha arma. Um clarão, e o riscar dos pneus no chão.

E quantas? Quem? Quem era eu? De fato ninguém se importa, os gritos como aplausos e meu corpo no chão tingindo o asfalto.

Não sou tua nem minha, nesse jogo quem perdeu fui eu e meu gambito falho. Sou dama de paus caralho.

## **VOLTA E MEIA**

Por Rayne Andrea de Oliveira

Volta e meia ela me pega. Sem aviso, sem cerimônia, como quem aparece na porta sem bater. E lá estou eu, prisioneira do mesmo episódio que já vi e revivi um milhão de vezes. A sensação é estranha, uma mistura de *déjà vu* e cansaço antigo, como se eu soubesse o desfecho antes mesmo de o enredo começar. Primeiro, o corpo queima de dentro para fora. Não é febre, mas uma queimação que toma conta, um calor sem origem, sem cura. A mente luta para articular qualquer palavra, um pedido de socorro talvez, mas nada sai. O silêncio é um peso, uma muralha entre o que sinto e o que consigo expressar.

A primeira justificativa surge como um sussurro no meu próprio ouvido: "É só cansaço". Uma desculpa que parece inofensiva, até confortável, como um cobertor velho. Concordo. Talvez um dia deitado seja o que meu corpo precisa, afinal, quem não se cansa de vez em quando? Durmo, ou finjo que durmo, tentando driblar o desconforto que se acumula em camadas, uma sobre a outra.

O dia seguinte chega, mas não trago comigo a força de sempre. As janelas permanecem fechadas, o quarto selado em uma penumbra proposital. Não vou trabalhar. O celular vibra, a ansiedade dança na minha cabeça, mas o corpo se recusa a sair da cama. Respiro fundo, ignorando o zumbido das mensagens não respondidas. "É só cansaço", repito, com uma fé quase ingênua. Tento me convencer disso, como quem conta uma mentira para si mesmo na esperança de que vire verdade.

Só que as horas continuam passando, indiferentes ao meu estado. Outro dia e eu ainda estou aqui, presa no mesmo ritmo lento, sem vontade de comer, sem ânimo para abrir as janelas. Deixo a luz natural do lado de fora. Minha única companhia é o cobertor, o mesmo que usei para me esconder na infância, quando monstros imaginários ameaçavam meu sono. Agora, os monstros são reais, feitos de pensamentos que me agarram pelos pés e puxam para um buraco que já conheço bem.

Já se foram três dias. Não fui trabalhar, não fui à aula, não treinei. Meu corpo se acostuma à imobilidade. A voz interna que antes sussurrava "é só cansaço" agora hesita, consciente de que a ilusão não vai durar. Eu sei a verdade. Eu sempre soube. Volta e meia, a depressão e a ansiedade me agarram de um jeito que não consigo prever nem evitar. São como cordas invisíveis que sobem pelo meu corpo, me imobilizam, me fazem desabar devagar.

Não é uma queda rápida e dramática; é um desmoronamento lento, quase imperceptível. E então, por fim, ela se revela. Ela nunca foi embora, estava apenas adormecida, à espreita, esperando o momento certo. A depressão me observa com o mesmo olhar de sempre, e eu, sem

energia para enfrentá-la, deixo-me ficar, esperando a tempestade passar.

É um ciclo que aprendi a aceitar, mesmo que relutantemente. Eu já sei como esperar, um dia de cada vez, em passos pequenos. Às vezes, dou risada de como minha esperança é teimosa. Mesmo sabendo que tudo pode desabar de novo, gosto de acreditar que cada episódio traz lições ou, ao menos, um pouco mais de resistência. No fundo, é uma espera paciente, como a de quem observa as ondas quebrando na areia, esperando que a maré finalmente baixe.

O próximo episódio pode ser amanhã, pode ser daqui a um ano. A incerteza é o que mais assusta, mas é também o que me impulsiona a seguir, lentamente, com pequenos gestos de autocuidado que parecem mínimos, mas são enormes. Uma xícara de chá quente. Um banho demorado. A coragem de abrir as janelas e deixar a luz entrar. Porque, no fim, é isso que me resta: a espera paciente por um momento de alívio, o instante em que o mundo volta a ter cor e as cordas, aos poucos, começam a se soltar.

## SECOS E MOLHADOS

Por Luciane Stefanato Negrini

Estacionei o carro em frente à loja de material de construção e fiquei observando um senhor de bermuda e camisa surradas que, sentado no degrau que dava acesso a este comércio cuja entrada era marcada por duas portas de aço ainda fechadas, acompanhava os meus movimentos. Logo imaginei que a percepção dele era de alguém que facilmente havia notado a minha inexperiência na direção (prefiro não usar a palavra insegurança). Era cedo, pouco mais de sete horas do sábado e o comércio ainda estava fechado, com exceção da padaria, do armazém secos e molhados e da feira de hortifrúti. Essas lojas resumem toda a necessidade da minha rotina das manhãs de sábado, quando compro os suprimentos para levar para o consumo da semana da casa de minha mãe.

Não demorei muito para voltar ao carro e nem desejava que fosse diferente, melhor evitar o frenesi e aglomerações nas calçadas e no trânsito – a dita inexperiência sobrepunha-se a qualquer lampejo de variação de hábitos. Nada além de secos e molhados. Farmácias, lojas de loteria, de produtos para pets, de celulares, de lingerie, sapateiros e amoladores de alicate de unha convidariam, dentro de poucos minutos, seus clientes, em sua maioria adultos, puxando crianças sonolentas pelo braço. Cada um, ao seu modo, cumprindo a sua parte na coreografia desse dia da semana que, a meu ver, tem muitos de seus encantos ainda não revelados.

Quando entrava no carro, observei que o mesmo senhor se mantinha sentado na calçada da loja. Um outro, mais velho e com ares de quem ainda desfrutava a tranquilidade de uma noite bem dormida, aproximou-se e perguntou se o madrugadeiro trabalhava na loja e ele, com a alegria daqueles que se sentem afortunados, respondeu que seria aquele o seu primeiro dia de trabalho. Eu e o outro espectador o parabenizamos e falamos palavras que em síntese significam “sucesso”. Ninguém falou em política, pandemia, desemprego, ajuda assistencial, crise, recessão, mas era isso o que sustentava o nosso previsível discurso. E o trabalhador, entusiasmado com nossa interação, continuou a falar e disse que sua profissão era chapa, que estava trabalhando em Macaé, mas viera para cá a convite. Disse isso como alguém que acabava de conquistar uma vaga em um cobiçado concurso ou de alcançar uma promoção, que tinha méritos e, em torno de seus sessenta anos, enfim, tivera-os reconhecidos.

Eu já estava dando partida no carro, quando ele bateu levemente no vidro fechado. Interrompi meu movimento e ele sorriu e disse “obrigado”. Sorri também. Acho que vou sorrir sempre que me lembrar dele que trabalha carregando sacos de cimento, ferragem, caixas de piso, tanques, pias e toda variedade de material pesado que cabe em

ODISSEIA  
*literária*

V. 3, n. 1, 2025



obras e sequer recebe a dignidade de um contrato de trabalho formal. O sábado e suas horas continuariam seguindo, como um caminhão que sai cheio para as suas entregas do dia, uns olhos seguem-no secos; os meus, molhados.

## O FALSO MATARAZZO

Por Sam Castro

Entre todas as bienais, certamente a de São Paulo é a mais conhecida. Sempre que é realizada, atrai pessoas do país inteiro, além de escritores, repórteres, editores, curiosos e, sobretudo, leitores. Muitas histórias aconteceram e ainda acontecem ali. Entre elas, a do poeta pernambucano Miró da Muribeca.

Sua história seria trágica se não fosse cômica. O episódio da bienal paulistana é um exemplo clássico de sua astúcia e leveza. Numa de suas edições, este poeta deu o que falar.

De estatura baixa, negro, pobre e da periferia do município de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, Miró foi convidado a expor suas emblemáticas poesias. Ele já era bem conhecido dos recifenses por perambular e declamar seus famosos poemas nas principais ruas da capital pernambucana, especialmente nos bares e becos menos afamados.

Conta-se que, depois de declamar suas poesias e surpreender os paulistanos, Miró decidiu dar um giro na própria feira. Numa dessas andanças, um certo quiosque chamou sua atenção. Não pelo equipamento em si, mas por estar vazio e pertencer à conhecida família Matarazzo.

No dia seguinte, ao fazer um novo giro, Miró tornou a espiar a tal barraca vazia. Depois do terceiro dia e ao mirar o recinto ocioso, não teve dúvidas e decidiu ocupá-lo para vender suas poesias.

Sempre simpático, de camisa colorida estilo africana, o poeta chamou a atenção do público por finalmente ocupar o referido espaço. Então, os visitantes logo perguntavam:

— O senhor é um Matarazzo?

Sorridente e maroto, Miró respondia-lhes:

— Mas é claro! Sou um parente distante, filho de um dos Matarazzo com uma antiga empregada da casa. Então estou aqui!

A reação foi de curiosidade e aglomeração crescente. Junto a isto, as vendas também. A notícia sobre o tal “filho bastardo dos Matarazzo”, ou “o Matarazzo negro”, se espalhou como a alegria de um pinto na merda.

Em pouco tempo, uma fila de leitores e curiosos se alinhou para adquirir o livro do estranho poeta bastardo do famoso clã paulistano.

Miró virou um fenômeno da feira, roubou a cena e, por algum tempo, virou poeta celebridade, embora sem intenção.

Pessoas tiravam *selfies* sem ao menos tê-lo visto antes. O burburinho foi tão grande que a notícia chegou aos ouvidos da organização do evento. Então, um representante o questionou:

— Boa tarde, cidadão. Quem é o senhor?

— Boa tarde. Sou Miró da Muribeca.

ODISSEIA  
literária

V. 3, n. 1, 2025

— Bom, fomos informados que o senhor seria parente dos Matarazzo, não? Logo, onde estão as suas credenciais?

Miró arregalou os olhos e, de pronto, pôs a mão nos bolsos como quem procura o documento em desespero. Nada. Mas lançou um sorriso maroto e finalmente arrematou:

— Mermão, podem fazer o que quiserem, esta barraca estava vazia mesmo! E já estou aqui há uma semana!!

Apesar de arrancar-lhe risadas pela “proeza”, com pesar o representante foi obrigado a convidá-lo a sair. Afinal, cumpria as regras do evento, e pronto. Mas a façanha de Miró e suas poesias ficaram para sempre na memória dos que o conheceram na maior Bienal do País.

## OXIMORO

Por Evaristo Souza Soares

Há muitos anos atrás conheci o Oximoro. Foi-me apresentado por um professor de Português e Literatura no 3º ano do colegial. Oximoro era e continua sendo uma figura de linguagem e de retórica clássica que coloca palavras de sentidos opostos lado a lado, criando um paradoxo, que reforça o significado das palavras combinadas.

Simpatizei-me com ele quando o conheci. Neste espaço de tempo, ou seja, desde sua apresentação até poucos dias atrás, tinha-o visto em algumas frases de romances, contos, crônicas e em prosas poéticas, também em alguns versos de alguns poemas.

Oximoro é um substantivo masculino que está quase sempre acompanhado de um adjetivo.

Este ilustre desconhecido possui uma lúcida loucura, pois vive a dizer que é um rico pobre e um velho moço. Vive a espalhar boatos fidedignos e mentiras sinceras, e quando lhe perguntam por que faz isso ele responde que é um amargo tormento esse doce prazer.

Nunca havia conhecido nada com tanta sábia ignorância e de uma inteligência tão burra. Ele é de uma sinceridade falsa, às vezes fica tristemente alegre, e por isso, várias vezes, nos tornamos inimigos amistosos, nesses dias ele se torna um gelo fervente, e numa espontaneidade calculada declara ser um culpado inocente, transformando nossa guerra pacífica em ódio amoroso.

Outras vezes, ele é de uma humildade arrogante que na sua confusa explicação até parece ser de complexidade simples, quando diz que o silêncio é o melhor discurso ou que ele está cheio de se sentir vazio e que para ele o nada é tudo, fingindo um descontente contentamento. É um doce veneno essa sua gentileza cruel.

No seu silêncio ensurdecedor, quase sempre parece um morto vivo, seu sossego inquieto na aldeia global apressa-o lentamente, transformando os seus movimentos parados num instante eterno, o que lhe dá um crescimento negativo. Sua ironia sutil e seu sarcasmo aprimorado fizeram com que eu desgostasse deste nosso relacionamento, sendo que a gota d'água foi ele dizer: — É proibido proibir!

Diante disso, tive uma ideia de obscura claridade e, sem querer querendo, deixei ele de lado, e, num grito silencioso como de uma piada séria, comecei a flertar com a Parábola.

## NOME DE FILHO PODE SER UM PROBLEMA

Por Waldir Capucci

Estávamos caminhando para os anos finais da década de 70 quando decidimos, após três anos de casados, que estava na hora de aumentar a família. Afinal aproveitamos muito os anos vividos a dois e uma criança certamente nos alegraria ainda mais. E a gravidez de minha esposa veio coroar nosso momento de felicidade. Decidimos, e causamos certo escândalo por isso, que a criança não seria batizada; a opção religiosa, ela que fizesse quando dona do próprio nariz. Também que a escolha do nome seria exclusivamente nossa, sem direito a palpites de terceiros, mesmo familiares.

Naquele tempo ainda não existia o ultrassom, mas definimos que caso fosse menina – e assim aconteceu - seria chamada de Clarissa. O motivo da escolha? Homenagear nosso autor predileto, Érico Veríssimo, que escrevera o romance de mesmo nome.

E ela chegou no início de dezembro de 1978 para encher nossa casa de risos, encantamento e graças. Até que em 1983, cinco anos depois, um fato peculiar gerou uma história que sempre é lembrada nos encontros familiares. Nossa linda garotinha sempre demonstrara sinais claros de que tinha opinião própria sobre os assuntos que lhe diziam respeito. Primeira demonstração fora recusar um calçado maravilhoso - nós achávamos - com o qual a presenteáramos, e que sequer experimentou. Achando-o feio, fez presente para uma coleguinha e vizinha. Depois passou a opinar sobre o sabor das refeições por nós preparadas com excesso de carinho e preocupação quanto à qualidade nutricional. Até mesmo passeios passaram a ser rejeitados por considerá-los chatos.

Clarissa já estava passando da conta, mas o ápice do desafio foi quando mostrou repulsa pelo nome com o qual a batizáramos. Confesso que quase surtei.

- Meu nome é feio, não gosto dele! – foi taxativa na queixa – E completou: não quero mais chamar Clarissa!

Ficamos pasmos ao ouvir a queixa. Seria compreensível se a tivéssemos registrado em cartório como Delfina, Crizelda, Filadélfia, Hermenegilda ou outro em desuso. Mas aquela doçurinha estava convicta do que falava. Realmente já era dona do próprio nariz... e o pior...da própria boca.

Lógico que, como pais, não imaginávamos tamanho repúdio para uma escolha feita com tanto carinho. Tentamos conversar com jeito para que nossa filha entendesse o motivo de optarmos pelo nome Clarissa. E como primeiro passo - que não funcionou -, falamos de Érico Veríssimo, autor de nossa admiração e inspirador da escolha. Em

seguida dissemos da impossibilidade de mudarmos seu nome – foi ainda mais complicado para a sua cabecinha.

Mudamos a tática. Contamos que eram duas as opções: Olívia, personagem do lindo romance “Olhai os lírios do campo” (também de Veríssimo), mas o olhar que nos dirigiu foi avassalador - ainda bem que não foi o escolhido - e Clarissa - pelo qual optamos -, e contamos a história da garotinha cujos pais moravam no campo e que precisou ficar na casa dos tios, na cidade, para poder estudar...

História simples, de total pureza e comovente... para nós.

Não surtiu efeito e a carinha de tristeza permaneceu. O que nos parecia lindo, ela continuava achando feio. A solução foi usar de psicologia paternal e maternal. Para aplacar sua angústia perguntamos por qual o nome gostaria de ser chamada.

- Rita Lee! – foi precisa na resposta.

Confesso que foi difícil segurar o riso. A abraçamos e elogiamos seu bom gosto pela escolha. Assim, ficou fácil convencê-la de que, mais tarde, quando tivesse o nosso tamanho e idade, poderia fazer a troca no cartório. Inocente e com a carinha feliz ela retribuiu nossos abraços e beijos.

Decorridos quase quarenta anos da “revolta” ela permanece com o mesmo nome e o adora. Mantém da infância o costume de ser dona do nariz, muitas vezes empinado demais para nosso gosto. Casada, amante da MPB e mãe de três filhos, entre eles, a doce Helena, única menina. Mas se a história vier a se repetir, também achará engraçado se a filha quiser trocar o nome para Rita Lee.

Clarissa, Helena e nós estamos aqui, mas Rita partiu para se juntar a tantas outras estrelas em nova dimensão. Ainda continua próxima de nós não somente pelo legado musical; ainda outro dia olhei para o céu e vi, entre milhares de estrelas brilhantes, uma que me pareceu apresentar o formato de uma guitarra. Tenho certeza de que era ela.

## CONSELHOS DE UM GUARDA-CHUVA DESILUDIDO

Por Murilo Luiz Gentil de Oliveira

No canto esquecido de um armário empoeirado, eu, um guarda-chuva de lona preta, observo o mundo com certo desânimo. Não me interprete mal, não sou ingrato. Já tive meus dias de glória. Fui comprado em uma loja elegante, escolhido a dedo por minha estrutura robusta e acabamento discreto. No começo, fui tratado com esmero: dobrado com cuidado, sempre guardado no lugar certo. Meu tecido brilhava ao sol, minha haste era firme, impecável. Mas o tempo é cruel, e a rotina, uma máquina que desgasta até os afetos mais entusiasmados.

Hoje, sou apenas uma figura esquecida, um acessório de última hora. Quando as primeiras gotas de uma chuva de verão aparecem, sou resgatado às pressas, arrancado do armário com reclamações sobre “nunca estar onde deveria”. Como se eu escolhesse meu esconderijo. Mesmo assim, resignado, cumpro meu papel. Protejo minha dona ou meu dono sabendo que, assim que o sol voltar a brilhar, serei relegado ao fundo do armário mais uma vez.

Minha história não é única. Cada objeto do dia a dia compartilha dessa trajetória ingrata. Pense nos seus cadernos escolares, nos livros que você prometeu terminar e até na bicicleta que enferruja na garagem. Somos testemunhas silenciosas do seu entusiasmo fugaz, da forma como abandona coisas – e, às vezes, até pessoas – quando a novidade passa.

Mas, caro leitor, deixe-me dar um conselho: aprenda a valorizar o que parece comum. Os dias sem chuva, aqueles que você mal nota, são os mais preciosos.

E não se iluda: a tempestade sempre chega. É para esses dias que você deve cuidar das ferramentas que escolhe levar consigo na vida.

Acredite, o mundo é mais generoso com quem se prepara, com quem não deixa a poeira encobrir tudo. Um guarda-chuva pode parecer trivial – até o dia em que ele salva sua roupa e sua dignidade de um temporal inesperado. E, por favor, se puder, pare de me guardar molhado dentro da bolsa. Tenho paciência, mas mofo também tem limite.

Ah, já que estou aqui, há algo mais que você deveria saber. A vida não é feita só de tempestades. São nos dias de sol que você escolhe os caminhos que vai trilhar quando os ventos vierem. Valorize o presente, cuide das coisas e das pessoas que fazem parte da sua jornada. Não espere até a chuva cair para perceber quem ou o que realmente importa.

Da próxima vez que uma tempestade pegar você de surpresa, espero que se lembre de mim antes de se molhar. Não por gratidão –

ODISSEIA  
*literária*

V. 3, n. 1, 2025

isso seria pedir demais – mas porque proteger você da chuva é o propósito da minha existência. Mesmo esquecido, continuo ali, disposto a ser útil.

Agora, se me permite, vou descansar um pouco. Ser guarda-chuva não é fácil, e carrego comigo muitas lições. E, quem sabe, entre suas distrações, você aprenda algo comigo. Mesmo que seja só um pouquinho.